

IDENTIFICAR CARACTERÍSTICAS EMPREENDEDORAS EM CRIANÇAS? O potencial da história dramatizada

Inês Silva ¹, Beatriz Pereira ¹, Aurora Teixeira ².

1) Centro de Investigação em Estudos da Criança, Portugal

2) Faculdade do Economia da Universidade do Porto, Portugal

inessilva@ie.uminho.pt

Resumo

Em cada pessoa existe um potencial empreendedor sendo a educação para o empreendedorismo o meio mais eficaz para o dinamizar e promover (Dolabela, 2008). Contudo, como abordar um tema tão complexo com crianças? Objetivo: Identificar a existência ou não de características empreendedoras em contexto de narração de história em crianças. Participantes: Uma turma do 1º ano com 18 alunos e uma de 3º ano com 19 alunos entre os 6 e os 9 anos (7,2±1,1) de uma escola de Braga. Instrumentos/Procedimentos: Construíram-se categorias e subcategorias suportadas pela revisão da literatura que determinaram as características empreendedoras a avaliar. Elaborou-se uma história construída de raiz, tendo por base o tema piratas e a procura de tesouros. Trata-se de uma história dinâmica, em que, cada uma das suas etapas termina com um desafio ou questão para os alunos. Assim, estes podem assumir-se como personagens, dar sugestões argumentadas sobre o caminho a seguir na história e ainda fazer opções entre várias possíveis. A história foi aplicada, em cada um dos anos de escolaridade, em grupos focais, de seis crianças. Discussão dos resultados: A observação das diferentes subcategorias permitiram-nos verificar comportamentos positivos (CP), inversos (CI) e não observados (CNO). Constatamos que em cinco das oito categorias a maioria dos alunos as revelou de forma positiva com destaque para a “Autoconfiança” e “Relações interpessoais” e ainda que aquelas em que se verificou maior percentagem de alunos que manifestaram CI foram a “Autoconfiança”, “Relações interpessoais” destacando-se a “Persistência/Resistência ao Fracasso”. As categorias em que mais se verificaram CNO foram a “Liderança / Tomada de decisão” e “Organização e Planeamento”. São necessárias mais investigações de forma a reunir um número considerável de contribuições para a validação de um instrumento que se adapte à linguagem da criança e que, de uma forma lúdica e motivadora, permita identificar características empreendedoras.

Palavras-chave: Características empreendedoras; Crianças; Instrumento; Histórias

1. Enquadramento teórico

Qualquer pessoa pode aprender, em condições mais específicas, a ser empreendedora (Dolabela, 2008). Em cada uma existe um potencial empreendedor a ser desenvolvido sendo a educação para o empreendedorismo o meio mais eficaz para dinamizar e promover este potencial. Para o mesmo autor é necessário saber aprender através do fazer, errar, do retirar o melhor partido do erro e ainda do criar. Como tal é no decorrer da infância, período no qual a criança constrói a sua personalidade, que as características e qualidades empreendedoras devem ser estimuladas sendo crucial a sua implementação nos primeiros anos de ensino (Kuip & Verheul, 2003).

Todavia, como abordar um tema tão amplo, complexo e tantas vezes associado ao mundo empresarial e do negócio com crianças?

A Comissão das Comunidades Europeias (2006) considera que a promoção de competências empreendedoras em crianças deve ser feita a partir da sua própria curiosidade, com projetos que se ajustem à sua idade, que vão de encontro aos seus interesses e que possam ser concretizados (Centro Educativo Alice Nabeiro 2009) como tal, o estímulo à capacidade de sonhar é crucial. Neste contexto, o sonho representa o futuro que não sendo potenciado, crianças e jovens não refletem sobre as possíveis respostas à sua concretização (Dolabela, 2008).

“A brincadeira é a língua com a qual a criança comunica e constitui o seu cotidiano, explora o corpo, os objetos, a expressão, as ações, de modo a colocar em jogo os seus sentidos, refazer trajetos e histórias” (Angeli, Luvizaro & Galheigo, 2012, p. 262). Assim, contar e ouvir histórias também pode ser uma atividade lúdica que permite a entrada num mundo imaginário onde a criança assume personagens, recria situações, contacta com outras realidades (Bussato, 2006). De um modo geral as histórias contribuem para o desenvolvimento da criança através da promoção da atenção, da afetividade, do espírito crítico, do raciocínio, da imaginação, da criatividade, da memória e ainda a transmissão de valores e cujo enredo permite tirar elações, analisar e posicionar-se de acordo com aquilo que consideram ser certo ou errado, refletir criticamente sobre o seu meio envolvente e desta forma promover o espírito crítico de quem a ouve. A criatividade e imaginação expressam-se através da envolvimento da história, dos cenários e personagens variadas, que sendo uma novidade para a criança, catalisam o processo de criação. Estas características podem também ser observadas através dos produtos que da mesma advém tais como desenhos, recriação ou dramatização da mesma (Ferreira & Pereira, 2015).

A história envolve as crianças, permite-lhes o acesso a um mundo imaginário onde a transmissão de valores sociais e morais é facilitada. Por meios mais suavizados é possível abordar temas complexos e fazer com que as crianças reflitam sobre os mesmos (Ferreira & Pereira, 2015).

Posto isto, consideramos que, pelas características que a narração de história pode potenciar na criança, este método se pode constituir como um meio propício à identificação de características empreendedoras em crianças.

2. Objetivos

Identificar a presença ou não de características empreendedoras em contexto de narração de história em crianças entre os 6-7 anos e 8-9 anos.

3. Metodologia

Delineamento da investigação:

Estudo de caso de natureza exploratória com recurso a metodologias participativas com crianças.

Participantes:

Uma turma do 1º ano de escolaridade com 18 alunos (9 do género feminino e 9 do género masculino) e uma turma de 3º ano de escolaridade com 19 alunos (9 do género feminino e 10 do género masculino), com idades compreendidas entre os 6 e os 9 anos ($7,2 \pm 1,1$) de uma escola pública da área urbana de Braga.

Instrumentos:

A história recriada surgiu devido a uma lacuna na literatura relativa a instrumentos de avaliação de características empreendedoras em crianças. Esta foi construída de raiz, tendo por base o tema piratas e a procura de tesouros. Com a escolha do tema tivemos a pretensão que as crianças se alheassem da realidade e embarcassem num mundo imaginário onde não existissem valores e

ideias pré-concebidas que pudessem influenciar as suas escolhas e respostas. Optamos pelo grupo focal pois uma das características a avaliar é “Relações interpessoais” e como tal o trabalho em grupo é fundamental para a sua avaliação. Assim, trata-se de uma história dinâmica, em que, cada uma das suas etapas termina com um desafio ou questão para os alunos.

Procedimentos:

Num primeiro momento foram pedidas todas as autorizações necessárias à concretização do estudo, nomeadamente ao agrupamento de escolas, professores, alunos e respetivos encarregados de educação, à Comissão Nacional de Proteção de Dados, Direção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular e ainda à comissão de ética para as Ciências Sociais da Universidade do Minho para a aplicação do estudo em meio escolar;

Num segundo momento, definiram-se as categorias e subcategorias referentes às características empreendedoras com base na revisão da literatura (quadro 1).

Num terceiro momento passamos à construção da história. Tal como referido anteriormente, para Ferreira e Pereira (2015), as histórias, de um modo geral, contribuem para o desenvolvimento da

Categorias	Subcategorias
Assunção do Risco	1 Perante determinada situação, pondera as consequências do risco e só depois avança.
	2 Aceita novos desafios com otimismo
	3 Não tem medo de fracassar
Autoconfiança	1 Não se intimida mesmo havendo a possibilidade de ser confrontado com opiniões diferentes.
	2 Tem uma atitude positiva e confiante
Criatividade / Inovação	1 Dinamiza novas ideias ou novas formas de fazer algo
	2 Propõe novas estratégias para solucionar um problema
Identificação oportunidades	1 É curioso, explora o desconhecido
	2 É atento ao meio envolvente
Liderança / Tomada de decisão	1 Transmite ideias de forma clara
	2 Sabe ouvir
	3 Orienta o grupo para o caminho que acredita ser mais correto
	4 Toma decisões pelo grupo
	5 Sabe estimular o grupo para o alcance do objetivo final
Organização / Planeamento	1 É capaz de delegar tarefas
	2 Planeia ações futuras
	3 É capaz de antecipar possíveis obstáculos e delinea soluções
Persistência / Resistência ao Fracasso	1 Perante o insucesso, mantém uma atitude positiva e de superação
	2 Não desmotiva perante críticas
Relações Interpessoais	1 É capaz de trabalhar em equipa
	2 É sociável, relaciona-se facilmente com o próximo
	3 Tem em consideração as ideias e objetivos dos elementos do grupo

Quadro 1 – Sistema categorial definido segundo a revisão da literatura.

criança através da promoção da atenção, da afetividade, do espírito crítico, do raciocínio, da imaginação, da criatividade, da memória e ainda a transmissão de valores. A criança que ouve uma história exercita o seu raciocínio e capacidade reflexiva pois no decorrer da mesma esta acompanha-a, tentando mentalmente antecipar os acontecimentos seguintes (Dohme, 2003). Deste modo, esta baseou-se nas categorias e subcategorias definidas previamente. Em cada uma das etapas da história foram definidas as categorias que, segundo a descrição de cada uma delas,

o desafio permitiria avaliar. Assim conseguimos que as oito categorias se integrassem na história e através das ações, reações e expressões, avaliar a presença ou não de características empreendedoras nas crianças. No decorrer da narração da história, os alunos puderam assumir-se como personagens, dar sugestões argumentadas sobre o caminho a seguir e ainda fazer opções entre diversas escolhas possíveis sugeridas pelo investigador. Relativamente ao modo de narração, segundo Dohme (2003), as histórias devem ser contadas em tom alegre de modo a que a criança as compreenda e a prender a sua atenção. Assim, decidimos que a história deveria ser contada na 1ª pessoa para que os alunos se envolvessem e participassem de forma mais entusiasta.

Num quarto momento foi feita a validação de conteúdo da história recriada por especialistas na área do empreendedorismo e jogo.

Num quinto momento foi realizado um estudo piloto numa turma de 1º ano de escolaridade de uma escola do centro urbano de Braga e numa turma de 3º ano de escolaridade de uma escola do centro urbano do Porto com o intuito de testar a viabilidade do guião do grupo focal na identificação de características empreendedoras.

Num sexto momento, após ajustes realizados no guião da história, os alunos de cada ano de escolaridade foram agrupados de forma aleatória já que os seus nomes foram escritos e posteriormente colocados num saco de pano onde foram misturados e retirados um a um, constituindo grupos de três. No dia estipulado para a realização dos grupos focais os alunos foram chamados de acordo com os grupos formados. Na sala estiveram sempre três investigadores sendo que um ficou responsável pela narração da história e os restantes pelas notas em diário de campo. Todos os grupos focais foram filmados.

Tratamento dos dados: Os grupos focais foram gravados e posteriormente transcritos na íntegra. Recorremos à codificação das categorias através da cor, ou seja, a cada uma foi atribuída uma cor que nos permitiu, mais tarde, o agrupamento das unidades de análise de forma simples (Bardin, 2014). Deste modo, através das categorias e subcategorias definidas a priori, foi possível identificar ou não, em cada um dos alunos, características empreendedoras.

Para aprofundamento dos dados recolhidos nos grupos focais recorremos à hermenêutica e através da interpretação e compreensão dos comportamentos observados e das falas transcritas foi possível a sua integração adequada em cada uma das subcategorias. Posteriormente, quantificamos os comportamentos observados utilizando análises descritivas (Maroco, 2007).

4. Apresentação dos resultados:

A observação das diferentes subcategorias em contexto de narração de história permitiram-nos verificar três tipos de comportamento:

Comportamento positivo (CP) - verifica-se o comportamento; Comportamento Inverso (CI) – Verifica-se o comportamento contudo é demonstrado de modo inverso e Comportamento não observado (CNO) – não se verifica o comportamento.

Foram observadas oito categorias e respetivas subcategorias totalizando vinte e duas.

Na tabela 1 apresentamos o número e frequência de alunos que demonstraram CP, CI e CNO em cada uma das subcategorias das oito categorias:

		TOTAL (N=37) N (%)		
		CP	CI	CNO
Assunção do Risco	1	4 (10,8)	14 (37,8)	19 (51,4)
	2	29 (78,4)	4(10,8)	4 (10,8)
	3	24 (64,9)	9(24,3)	4 (10,8)
Total		57 (51,4)	27 (24,3)	27 (24,3)
Autoconfiança	1	23 (62,2)	11(29,7)	3 (8,1)
	2	26 (70,3)	10(27,0)	1(2,7)
Total		49 (66,2)	21 (28,4)	4 (5,4)
Criatividade/ Inovação	1	20 (54,1)	1(2,7)	16(43,2)
	2	21 (56,8)	4 (10,8)	12 (32,4)
Total		41 (55,4)	5 (6,8)	28 (37,8)
Identificação de Oportunidades	1	17 (45,9)	0 (0,0)	20 (54,1)
	2	23 (62,2)	6 (16,2)	8 (21,6)
Total		40 (54,1)	6 (8,2)	28 (37,8)
Liderança / Tomada de decisão	1	22 (59,5)	10(27,0)	5 (13,5)
	2	18 (48,6)	15(40,5)	4(10,8)
	3	12 (32,4)	6 (16,2)	19 (51,4)
	4	14 (37,8)	1 (2,7)	22 (59,5)
	5	1(2,7)	2 (5,4)	34(91,9)
Total		67 (36,2)	34 (18,4)	84 (45,4)
Organização/ Planeamento	1	7(18,9)	0 (0,0)	30(81,1)
	2	7(18,9)	0 (0,0)	30(81,1)
	3	21(56,8)	1 (2,7)	15(40,5)
Total		35 (31,5)	1 (0,9)	75 (67,6)
Persistência/ Resistência Fracasso	1	7 (18,9)	19 (51,4)	11 (29,7)
	2	3 (8,1)	13 (35,1)	21 (56,8)
Total		10 (13,5)	32 (43,2)	32 (43,2)
Relações Interpessoais	1	25(67,6)	11(29,7)	1 (2,7)
	2	25(67,6)	11(29,7)	1 (2,7)
	3	21(56,8)	11(29,7)	5(13,5)
Total		71 (64,0)	33 (29,7)	7 (6,3)

Tabela 1 – Número e frequência de alunos que demonstraram CP, CI e CNO

5. Discussão dos resultados:

Relativamente à Assunção do Risco, verificamos que a maior parte dos alunos revelou CP como tal, concluímos que esta competência se verificou no presente contexto contudo 24,3% correspondem a CI. A assunção do risco é das características mais valorizadas nos empreendedores (Dornelas, 2008; Silva, Correia, Scholten & Gomes, 2008; Malheiro, Ferla & Cunha, 2005; Projeto ENE, 2004). Esta associa-se à coragem de defrontar desafios (Dornelas,

2008; Malheiro, Ferla & Cunha, 2005; Projeto ENE, 2004) ou seja, quanto maior for o desafio, maior é a motivação e o entusiasmo do empreendedor (Dornelas, 2008). Assim, a colocação da criança como construtor da história onde a superação dos diversos desafios lhes permite atingir os seus objetivos constitui-se como um meio desafiador onde a avaliação do risco deve ser constante e a sua ponderação pode determinar o sucesso das suas ações.

Quanto à característica Autoconfiança foi verificada em contexto de história recriada contudo devem ser considerados os 28,4% de alunos que revelaram CI. Uma criança autoconfiante sente-se bem consigo, confia na sua capacidade de julgar e resolver os obstáculos (DGIDC, 2006). A autoconfiança atrai as atenções (Malheiro, Ferla & Cunha, 2005), permite enfrentar desafios e dominar obstáculos, antecipam os problemas e acreditam nas suas capacidades para os superar (Chiavenato, 2007). Esta atividade de natureza lúdica permite que a criança se exprima sem a preocupação do julgamento de uma resposta certa ou errada promovendo o envolvimento e participação ativa.

No que respeita à criatividade, no momento da construção da história foram previstos vários momentos em que a criança teria oportunidade de demonstrar a sua criatividade e foi o que ocorreu na maioria dos alunos porém, apesar de estarem perante diversos desafios que requeriam criatividade para serem superados, em 37,8% dos alunos o comportamento não se observou. Alencar (2007) Oliveira (2010) refere que, professores não têm incentivado o suficiente esta competência na escola e como tal é natural que não se verifique de forma expressiva nos alunos.

No que à Identificação de Oportunidades diz respeito, perante os resultados consideramos que se observou em contexto de narração de história porém, em 37,8% dos alunos o comportamento não foi observado. As crianças são naturalmente curiosas e atentas, questionam e procuram explorar ambientes e espaços que desconhecem. Moreno (2009) defende que contar e ouvir histórias também pode ser uma atividade lúdica pois abre as portas a um mundo imaginário, que permite à criança assumir personagens, recriar situações, possibilitando o contacto com outras realidades, de um mundo mais sensível (Bussato, 2006). Deste modo, consideramos natural a presença desta competência na criança.

Relativamente à característica Liderança / Tomada de decisão, nem todas as subcategorias definidas se verificaram neste contexto. As subcategorias 3 - “Orienta o grupo para o caminho que acredita ser mais correto”, 4 - “Toma decisões pelo grupo” e essencialmente a 5 - “Sabe estimular o grupo para o alcance do objetivo final” foram pouco evidenciadas pelos alunos. A liderança/tomada de decisão é umas das características mais relevantes de um empreendedor. Esta característica surge gradualmente e pode ser desenvolvida e aprimorada (Ferreira, Santos & Serra, 2010) sendo portanto, de elevada relevância o seu estímulo desde cedo. Deve ainda ter-se em consideração os alunos que desenvolvem a característica de forma inversa sendo necessário transformar o seu comportamento de modo a torná-lo positivo.

Quanto à Organização / Planeamento verificamos que esta categoria foi aquela que menos nos permitiu observar uma variedade de comportamentos e por isso entendemos que a categoria não se observou em contexto de história recriada. Apesar de, na construção da história, termos considerado momentos que propiciavam a observação destes comportamentos, a maioria dos alunos não manifestou este comportamento. Mendes (2012) considera que a capacidade de organização e planeamento está, na maioria das vezes, por desenvolver nas crianças como tal, é essencial criar hábitos de planeamento e organização nas suas rotinas diárias para que a sua ausência não seja impeditiva à realização de projetos e concretização de objetivos.

No que concerne à competência Persistência / Resistência ao Fracasso verificamos que a característica se verifica no presente contexto contudo constatamos em percentagem semelhante CI e não observados o que é preocupante na medida em que a competência tende a ser desenvolvida de um modo negativo que deve ser revertido o mais precocemente possível. Como tal é necessário incutir nas crianças que um insucesso não é uma derrota e por essa razão não devem sobrevalorizar o objetivo, neste caso encontrar o tesouro antes dos companheiros, assim

como os erros cometidos para que não mais ocorram. O empreendedor não encara o insucesso como uma derrota, aprende com os erros e volta a tentar sendo portanto fundamental para atingir os objetivos a que se propôs (Ferreira, Santos & Serra, 2010). Por outro lado, uma das questões centrais relativas às novas gerações é a falta de sentido limite pois “a criança que não aprende a ter limites cresce com uma deformação na percepção do outro” (Almasan & Álvaro 2006, p. 4), tornando-se egocêntrica e como tal, a imposição de limites em contexto familiar e mesmo em sala de aula é essencial para que a criança aprenda a ouvir “não”, não desmotivando sempre que o ouve. Porém, é necessário que para além da capacidade de lidar com a crítica, os alunos saibam posteriormente superar as suas dificuldades com uma atitude positiva e confiante.

No que respeita à característica Relações Interpessoais, segundo os resultados consideramos que se observou em contexto de narração de história visto que se observaram apenas 6,3% de CNO. O trabalho de equipa é primordial no alcance dos objetivos de um empreendedor (Mendes, 2012). O trabalho entre pares e em pequeno grupo faz parte das orientações curriculares para a educação pré-escolar (2016) que afirmam a sua relevância como ação “facilitadora do desenvolvimento e aprendizagem”. Este método de trabalho permite que as crianças confrontem as suas opiniões, encontrem soluções conjuntas para a mesma atividade. Deste modo é natural observar-se na maioria dos alunos CP.

6. Conclusões:

Após análise dos resultados verificamos que em cinco das oito categorias mais de 50% dos alunos as revelou de forma positiva com destaque para a “Autoconfiança” e “Relações interpessoais” com mais de 60% a manifestar CP. Por sua vez, as categorias em que se verificou maior percentagem de alunos que manifestaram CI foram a “Autoconfiança”, “Relações interpessoais” e com especial destaque para a “Persistência/Resistência ao Fracasso” com percentagem superior a 40% de alunos. As categorias em que mais se verificaram CNO foram a “Liderança / Tomada de decisão” e “Organização e Planeamento” com uma percentagem igual ou superior a 50%.

As categorias “Autoconfiança” e “Relações Interpessoais” que se verificaram tanto através de CP como CI são as características que mais se observaram em contexto de narração de história. Todavia, é necessário intervir ao nível dos CI pois se por um lado a característica foi observada por outro, esta reflete um CI ao que se pretende sob o ponto de vista empreendedor.

O caráter inovador deste trabalho de investigação visa responder à lacuna existente relativa a instrumentos de avaliação de características empreendedoras em crianças e à carência de trabalhos de investigação com crianças com estas idades a nível nacional e internacional. Contudo são necessárias mais investigações, no mesmo âmbito, de forma a reunir um número considerável de contribuições para a validação de um instrumento que se adapte à linguagem da criança e que, de uma forma lúdica e motivadora, permita identificar características empreendedoras.

7. Referências:

- Alencar, E. (2007). Criatividade no Contexto Educacional: Três Décadas de Pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23, pp. 45-49.
- Almasan, D., & Álvaro, A. (2006). A importância do senso de limites para o desenvolvimento da criança. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, pp. 1-7.
- Angeli, A., Luvizaro, N., & Galheigo, S. (2012). O cotidiano, o lúdico e as redes relacionais: a arte do cuidar em terapia ocupacional no hospital. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 16 (40), pp. 261-271.
- Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bussato, C. (2006). *A arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço*. Petrópolis,

RJ: Vozes.

- Centro Educativo Alice Nabeiro (CEAN). (2009). *Manual para treinar o empreendedorismo em crianças dos 3 aos 12 anos - Ter Ideias para Mudar o Mundo*. Centro Educativo Alice Nabeiro.
- Chiavenato, I. (2007). *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor: empreendedorismo e viabilidade de novas empresas: um guia eficiente para iniciar e tocar seu próprio negócio*. São Paulo.
- Comissão das Comunidades Europeias. (2006). *Aplicar o Programa Comunitário de Lisboa: Promover o espírito empreendedor através do ensino e da aprendizagem*. Bruxelas.
- Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (DGIDC). (2006). *Educação para a Cidadania - Guião de educação para o empreendedorismo*.
- Dohme, V. (2003). *Além do encantamento: Como as histórias podem ser um instrumento de aprendizagem*. Fundação EDUCAR DPaschoal
- Dolabela, F. (2008). *Oficina do Empreendedor*. Rio de Janeiro: GMT Editores Ltda.
- Dornelas, J. (2008). *O Processo Empreendedor*. Editora Elsevier.
- Projeto Empreender Na Escola (ENE). (2004). *Manual do Aluno - Guia para elaboração do Plano de Negócios*. Algarve, Portugal: Centro Promotor de Inovação e Negócios do Algarve.
- Ferreira, W., & Pereira, R. (2015). A Contribuição da Literatura na Educação Infantil. *Rev Educ*, 18 (25), pp. 53-57.
- Kuip, I., & Verheul, I. (2003). Early Development of Entrepreneurial Qualities: the Role of Initial Education. *SCALES - Scientific Analysis of Entrepreneurship and SMEs*, pp. 1-27.
- Malheiro, R., Ferla, L., & Cunha, C. (2005). *Viagem ao Mundo do Empreendedorismo* (2ª edição ed.). Florianópolis: Instituto de Estudos Avançados.
- Maroco, J. (2007). *Análise Estatística com Utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Mendes, F. (2012). *Start iUPi - Fazer Coisas*. Oeiras: Blue Go, LDA.
- Moreno, L. (2009). O lúdico e a contação de histórias na educação infantil. *Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas*, 10 (97), pp. 228-241.
- Oliveira, Z. (2010). Fatores influentes no desenvolvimento do potencial criativo. *Estudos de Psicologia*, 27 (1), pp. 83-92.
- Silva, M., Correia, M., Scholten, M., & Gomes, L. (2008). Cultura nacional e orientação empreendedora: Um estudo comparativo entre Brasil e Portugal. *Comportamento Organizacional e Gestão*, 14 (1), pp. 65-84.